

A COMPANHIA DE JESUS E A EVANGELIZAÇÃO DOS ÍNDIOS NOS SETE POVOS DAS MISSÕES

THE SOCIETY OF JESUS AND THE EVANGELIZATION OF INDIANS IN THE SEVEN PEOPLE OF THE MISSIONS

Claudio Eduardo do Nascimento¹

1. Este artigo foi desenvolvido sob a orientação dos professores Dr^a Lourdes M. G. C. Feitosa; Nair L. R. Nassarrala e Fábio P. Pallotta como um dos quesitos de avaliação das disciplinas de Brasil I, América I e Moderna I, no primeiro semestre de 2013. Foi realizado pelo então aluno do curso de História da Universidade do Sagrado Coração Cláudio Eduardo Nascimento, que faleceu no final de junho do mencionado ano. A publicação desse texto é uma homenagem e o reconhecimento da seriedade e empenho do Cláudio à atividade acadêmica.

Recebido em: 02/10/2013
Aceito em: 13/12/2013

NASCIMENTO, Claudio Eduardo do. *A Companhia de Jesus e a evangelização dos índios nos sete povos das missões*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 155-164, 2013.

RESUMO

Neste artigo é realizada uma discussão sobre a presença e as práticas das missões jesuíticas em relação aos índios na região dos Sete Povos das Missões. Para isso, primeiramente foi realizada uma descrição sobre a Companhia de Jesus, ordem criada por Inácio de Loyola, responsável pela evangelização dos “infiéis”. Em segundo lugar, o trabalho concentra-se na caracterização dos jesuítas, membros da Companhia que eram doutrinados a disseminar a fé católica e sua prática no Novo Mundo, em particular na evangelização dos índios. E, por fim, trata-se do significado e das características das missões implantadas nas Américas. Seus pequenos povoados, baseados em trabalho e religiosidade são explicados para fundamentar a discussão.

Palavras-chave: Companhia de Jesus, evangelização, índios, jesuítas, missões.

ABSTRACT

This paper presents a discussion on the presence and practices of the Jesuit missions in relation to the Indians in the region of the Seven Peoples Missions. For this, we first carried out a description of the Society of Jesus, founded by Ignatius of Loyola, responsible for the evangelization of the unbelievers. Secondly, the work focuses on the characterization of the Jesuits, the Company members who were indoctrinated to spread the Catholic faith and practice in the New World particularly in the evangelization of the Indians. The third topic addressed is the understanding of the meaning and characteristics of the missions deployed in the Americas. Its small towns, based on work and religiosity are explained to substantiate the discussion.

Keywords: Society of Jesus. Evangelization. Indians. Jesuits. Missions.

Introdução

Os jesuítas são religiosos que pertencem à ordem chamada Companhia de Jesus. Eles vieram para a América com o objetivo de catequizar os índios. A Companhia de Jesus representou uma grande mudança nas regiões onde se instalaram.

Este artigo apresenta um estudo sobre a presença das missões jesuíticas na América e suas implicações no pensamento moderno. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de demonstrar as principais características destas missões jesuíticas.

Segundo Eisenberg (2000), os missionários contribuíram para que ocorressem mudanças conceituais, as quais possibilitaram o entendimento do pensamento político moderno. As formas utilizadas pelas missões jesuíticas também foram estudadas pelo autor.

Um dos objetivos deste trabalho é demonstrar que as missões jesuíticas no Brasil não foram somente de caráter religioso, mas sim envolveram vários outros fatores, tais como o econômico, o político e o social. O significado e as principais características da Companhia de Jesus são apresentados neste artigo. Um exemplo de cunho político é citado por Several (1998) que apresenta a influência dos iluministas para eliminar a Companhia de Jesus, minando, desta forma, o poder da Igreja.

Além disso, este trabalho apresenta os fatores envolvidos com as ações dos jesuítas, mostrando a relação destes com os indígenas. Para Garcia (2011), os índios eram segregados da comunidade europeia.

NASCIMENTO, Claudio Eduardo do. *A Companhia de Jesus e a evangelização dos índios nos sete povos das missões*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 155-164, 2013.

NASCIMENTO, Claudio Eduardo do. *A Companhia de Jesus e a evangelização dos índios nos sete povos das missões*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 155-164, 2013.

Assim, a organização deste texto está dividida em três partes. Em primeiro lugar, são apresentadas as principais características da Companhia de Jesus e dos seus membros, os jesuítas. Em segundo, é introduzida uma discussão sobre as Missões. Finalmente, as conclusões do trabalho são descritas.

A Companhia de Jesus e os Jesuítas

Na história do Brasil, durante o período de colonização, dentre os personagens principais que geralmente são lembrados nos livros de história, além dos descobridores, estão os jesuítas. Eles vieram para a América com o objetivo principal de catequizar os indígenas.

O conhecimento sobre os jesuítas possibilita a discussão sobre a Companhia de Jesus. Esta ordem religiosa foi criada no século XVI, pelo cavaleiro da Espanha Inácio de Loyola no ano de 1534, porém, somente teve aprovação oficial no ano de 1540, pelo Papa Paulo III, através da bula *Regimini Militantis Ecclesiae*. Dessa forma, os jesuítas foram obrigados a deverem dependência ao sumo pontífice (FARIA, 2013).

A principal razão de criação da Companhia de Jesus foi o combate contra o movimento protestante, utilizando como método o ensinamento religioso especialmente preparado para esta finalidade. A Companhia de Jesus não era como as outras companhias, ou seja, somente outra ordem religiosa. Seus integrantes tinham um sentimento a ponto de se considerarem como um exército militar da igreja (FARIA, 2013).

De acordo com Weffort (2012, p. 45), no caso do Brasil, é oportuno ressaltar a identificação dos jesuítas com Inácio de Loyola, influenciando na questão dos índios.

Na prática missionária, a Companhia de Jesus foi o ponto mais representativo da transformação e da realização da catequese. Isso tudo estava acontecendo no início da Idade Moderna, onde existia uma contraposição entre a Reforma e a Contra-reforma que estabeleceram mudanças entre as missões na Europa e na América (AGNOLIN, 2012, p. 20). De acordo com este último autor, no contexto da Reforma e na reestruturação conciliar feita em Lima emerge a ação jesuítica. Estes acontecimentos eclodem em um período onde vigoraram as características do Renascimento como, por exemplo, o livre arbítrio. Tais características foram pontuadas pelo jesuíta Acosta, o qual foi figura central no contexto do III Concílio de Lima, realizado

no Peru entre os anos 1582 e 1583. Este concílio decidiu fazer várias mudanças na estrutura da igreja católica.

Esta característica destacada por Acosta é fundamental para a nova perspectiva antropológica, iniciada pelos jesuítas na nova missão evangelizadora na América:

Trata-se do processo de construção que está na base de uma humanidade finalmente única: apoiado em suas profundas bases humanistas, entre o fim da Idade Média e o Renascimento, esse percurso realiza o encontro emblemático entre uma alteridade histórica (os Antigos) e uma alteridade espacial (os selvagens), tornando o século XVI o momento mais significativo que constituiu os homens na base de uma mesma estrutura subjetiva e das mesmas representações (AGNOLIN, 2012, p. 22).

Os jesuítas foram doutrinados com o objetivo de disseminar a fé católica pelo mundo. Além disso, eles eram subordinados a um regime de privações que os preparavam para viverem em locais distantes e se adaptarem às mais adversas condições. No Brasil, eles chegaram em 1549 com o objetivo de cristianizar as populações indígenas do território colonial (FARIA, 2013).

Foram eles que mais tarde, promoveram a criação das missões, onde organizavam as populações indígenas em torno de um regime que combinava trabalho e religiosidade. Para Pompa:

Esse conceito moderno de missão, tão co-natural à Companhia e que constitui sua marca distintiva, definido na sétima parte das *Constituições* de 1556-57, incluía a ação pastoral entre infieis, hereges e católicos. A espiritualidade jesuítica era uma abertura para o mundo externo (tanto que a Ordem, ao contrário de todas as outras, eliminou a dimensão monástica e conventual), e a missão era sua tradução mais completa (2002, p. 88).

Neste trecho é mostrado que o espírito missionário entre os jesuítas sempre existiu, pois já fazia parte dos ideais jesuíticos mesmo antes da sétima parte das *Constituições*. Assim, com o passar do tempo as missões surgiriam naturalmente.

As Missões e os Sete Povos

A chegada dos jesuítas ao Novo Mundo deu-se com o pedido de D. João III de Portugal, que pediu auxílio na evangelização dos índios e a manutenção da fé para a ordem. Eles desembarcaram na Bahia com os padres Manuel de Nóbrega, Leonardo Nunes Antônio Pires e João de Azpilcueta Navarro (ELÍSIO, 2013).

NASCIMENTO, Claudio Eduardo do. *A Companhia de Jesus e a evangelização dos índios nos sete povos das missões*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 155-164, 2013.

NASCIMENTO, Claudio Eduardo do. *A Companhia de Jesus e a evangelização dos índios nos sete povos das missões*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 155-164, 2013.

Este acontecimento marca o início da atuação dos jesuítas na América. Os jesuítas vieram mergulhados em um ideal apostólico centrado na figura de Paulo para converter novos fiéis à fé católica. Após algum tempo na América, os jesuítas se instalaram, no ano de 1610, na região do Prata até serem expulsos da América espanhola em 1768 (QUEVEDO, 2000, p. 51).

Para os jesuítas concretizarem as missões foi fundamental ao defenderem, já desde os primeiros contatos, que o índio era o gentio. Este conceito se reflete na conversão, que tinha como objetivo reconduzir os índios à verdadeira religião, que era a cristã. Consideravam o gentio como “ovelhas desgarradas” com uma crença pagã, que cabia aos cristãos a conversão (QUEVEDO, 2000, p. 51-52).

Concordando com esse pensamento, Pontes (2010, p. 59) afirma que o indígena, para o jesuíta, era considerado um “papel em branco” podendo inserir nele qualquer conteúdo, justificada pela visão eurocêntrica e desprezo pelas culturas dos índios.

A partir daí, quando o índio aceitava a conversão, iniciava-se a evangelização sistemática. De acordo com Quevedo:

Para que a conversão tivesse continuidade, eram necessários os aldeamentos de índios cristãos, nos quais se procedia à redução do índio à fé católica. Para os católicos, a Redução significava trazer de volta à fé cristã os filhos que se desgarraram do caminho verdadeiro de Cristo e da fé católica. Portanto reduzir é reconverter o índio ao Cristianismo (2000, p. 65).

Os índios que foram evangelizados eram reduzidos em pequenos povoados com construções feitas de pau-a-pique e madeira. Esse tipo de estrutura fazia com que as missões, também chamadas reduções, fossem consideradas como um marco da transição da sociedade tribal à “moderna”.

Nas missões, além da evangelização, os índios trabalhavam, mas com certa liberdade o que não era feito nas *encomiendas*, que praticava o trabalho forçado. Esta atividade a partir das *Ordenanzas de Alvaro* estava proibida e quem a violasse seria penalizado, porém os *encomenderos* continuaram forçando o indígena ao trabalho (QUEVEDO, 2000, p. 72).

De acordo com Elísio (2013), na Europa o trabalho das missões nas Américas era visto de maneira contrastante, pois causava admiração entre algumas pessoas e revolta em outras. Na maioria das vezes, os europeus tinham como objetivo principal mostrar a superioridade do homem branco civilizado e concomitantemente a exploração das colônias de qualquer maneira.

Os europeus consideravam os índios como não humanos, selvagens e escravos, e a Evangelização, patrocinada pelos reis, servia aos propósitos colonialistas da Coroa, onde Elísio (2013) diz que “era mais fácil escravizar índios “pacificados” ou evangelizados, que índios selvagens e guerreiros”.

No momento em que os jesuítas passaram a compreender melhor a maneira de viver dos índios nas missões, evangelizando-os e defendendo-os, estes índios tornaram-se trabalhadores produtivos, o que deu início às desavenças com os colonos e com os conquistadores (ELÍSIO, 2013).

No Brasil, espanhóis e portugueses lutavam pelo domínio de territórios. Isso ocorria porque eles queriam aplicar seus objetivos tanto políticos quanto religiosos. Além disso, havia uma disputa entre os jesuítas e os latifundiários, onde os primeiros defendiam a conversão dos indígenas e os últimos queriam utilizá-los para o trabalho escravo. Com esses acontecimentos, poucas missões tiveram êxito, dentre elas podemos citar, como exemplo, os sete povos das missões, situado onde atualmente é a região do Rio Grande do Sul (SANTOS, 2013).

A Figura 1 apresenta a divisão dos Sete Povos das Missões situadas nas regiões descritas abaixo.

Segundo Delphino (2013), completadas as implantações dessas missões, o mapa da República Guarani, em meados do século XVIII, era demarcado da seguinte forma:

- NO ATUAL PARAGUAI, AO NORTE: Belém, São Estanislau e São Joaquim; ao Sul, Santa Maria da Fé, Santa Rosa, San Ignacio Guazu, Santiago, São Cosme, Jesus, Trinidad e Encarnación ou Itapua.
- NA ATUAL ARGENTINA: Corpus, San Ignacio Mini, Loreto, Sant’Ana, Candelária, São Carlos, São José, Apóstoles, Concepción, Assunción, Santa Maria, San Javier, Mártires, São Tomé, La Cruz e Yapeyú.
- NO ATUAL RIO GRANDE DO SUL: São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, São Borja, São Miguel, São João e Santo Ângelo.

NASCIMENTO, Claudio Eduardo do. *A Companhia de Jesus e a evangelização dos índios nos sete povos das missões*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 155-164, 2013.

NASCIMENTO, Claudio Eduardo do. *A Companhia de Jesus e a evangelização dos índios nos sete povos das missões*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 155-164, 2013.



Figura 1 – Mapa dos Sete Povos das Missões. Elísio, 2013.

Este referido êxito experimentado pelos sete povos, apesar da existência de conflitos, pode ser comprovado por fatores econômicos. Duas das principais atividades que tiveram grande importância foram a produção de erva-mate e o desenvolvimento da pecuária.

De acordo com Quevedo (2000, p. 142), pode-se afirmar que nas missões o trabalho indígena foi reorientado pelos jesuítas, transformando-o em mão-de-obra especializada. A economia missionária tinha como característica a autossuficiência e a produção de excedente. Com isso, o processo civilizatório imposto pelos jesuítas foi facilitado.

Considerações Finais

Este artigo apresenta uma discussão sobre as missões e seus antecedentes, demonstrando os fundamentos que possibilitaram a criação da Companhia de Jesus. Além disso, foi apresentada a atua-

ção dos jesuítas junto aos índios, o que proporcionou uma reflexão consistente sobre a presença e a importância dos índios dentro da prática missionária.

Esta reflexão, centrada no dia-a-dia do índio no interior desses povoados chamados de missões, mostra o trabalho e a evangelização como uma prática civilizatória que proporcionou autonomia aos índios.

Em relação às missões, foi discorrido sobre os Sete Povos das Missões, povoados situados na atual região do Rio Grande do Sul, através do fator econômico e social. Com isso, surgiu como resultado a possibilidade de se afirmar que as práticas missionárias dos jesuítas não tiveram objetivos somente religiosos.

Referências

AGNOLIN, Adone. Atuação missionária jesuítica na América portuguesa: a peculiar via renascentista, sacramental e tridentina à salvação no(s) Novo(s) Mundo(s). **Tempo**, Rio de Janeiro, v.18, n.32, p. 19-48, 2012.

DELPHINO, Cristine. **Sete povos das missões**. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/sete-povos-das-missoes/>>.

EISENBERG, José. **As Missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

ELÍSIO, Paulo. **Sete povos das missões - história das missões jesuíticas no Brasil**. Disponível em: <<http://historiacomgosto.blogspot.com.br/2012/09/sete-povos-das-missoes-o-fim-da-utopia.html>>.

FARIA, Vanderlei. **Companhia de Jesus**. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/companhia-de-jesus/>>.

GARCIA, Elisa Frühauf. Identidades e políticas coloniais: guaranis, índios infieis, portugueses e espanhóis no Rio da Prata, c.1750-1800. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 18, n. 34, p. 55-76, 2011.

NASCIMENTO, Claudio Eduardo do. *A Companhia de Jesus e a evangelização dos índios nos sete povos das missões*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 155-164, 2013.

NASCIMENTO, Claudio Eduardo do. *A Companhia de Jesus e a evangelização dos índios nos sete povos das missões*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 155-164, 2013.

POMPA, Cristina. O lugar da utopia: os jesuítas e a catequese indígena. **Revista Novos Estudos**, São Paulo: Cebrap, v. 2, n. 64, p. 83-95, 2002.

PONTES, Beatriz Maria Soares. As bases geopolíticas dos sete povos das missões. **Revista Geopolítica**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 57-71, 2010.

QUEVEDO, Júlio. **Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata**. 1ª ed. Bauru: Edusc, 2000.

SANTOS, Fabrício. **Sete povos das missões**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/povos-das-missoes.htm>>.

SEVERAL, Rejane da Silveira, Jesuítas e guaranis face aos impérios coloniais ibéricos no Rio da Prata. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 117-134, 1998.

WEFFORT, Francisco. **Espada, cobiça e fé: as origens do Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

